



# Cultura!

Foto: Divulgação/Site do Autor



## E A MÚSICA DE TIM VENCEU

Próximo de celebrar 55 anos, o aclamado compositor Tim Riscal, autor da música original da novela *Velho Chico*, concedeu entrevista exclusiva ao *Cultura!* e falou sobre família, carreira e projetos para 2017

Págs. C4 e C5

### **Preguiça**

Uma homenagem a Mario Quintana

Pág. C2

### **Vinho Santo**

Uma crônica de coroinhas e pães de queijo

Pág. C2

### **Altos decibéis**

A música também é silêncio

Pág. C3

### **Chuva pequena**

Poesia: simples assim

Pág. C3

### **Peculiar**

A autonomia do cinema em relação à literatura

Pág. C6



Um pouco de

# Cada arte...

## PREGUIÇA



“Certa vez abalancei-me a um trabalho intitulado ‘Preguiça’. Constava do título e duas belas colunas em branco, com a minha assinatura no fim. Infelizmente não foi aceito pelo supercilioso coordenador da página literária. Já viram desconfiança igual? Censurar uma página em branco é o cúmulo da censura.”

Mario Quintana

Querido Mario, consegui. Suas duas belas colunas em branco! (Quase três inteiras.) Essa foi pra você.

## Crônica

# VINHO SANTO

HÉRCULES DOMINGUES DE FARIA

Já descrevi como encruzilhada de loucos o vilarejo em que nasci e quase cresci — contínuo baixote aos sessentaetantos. Havia lá, para a rala população que não batia em mil almas, um punhado de tipos que iam do folclórico ao misterioso. Todo mundo ia à igreja, parava na rua, persignava-se à hora da bênção do pão e do vinho, sempre anunciada por um belo repique de sinos. Éramos cinco ou seis coroinhas, batininhas negras com sobrepeliz branca rendada e um cinto de cetim vermelho. O mais velho, de nome Orlando, tinha a honra de espargir o incenso, turíbulo oscilando feito pêndulo dos relógios de parede alemães, sinais de abundância nas casas em que rebimbavam seus carrilhões tão bonitos. Orlando era nosso instrutor, ensinava-nos os responsórios num latinório estropiado que conseguia apreender nas preleções do padre. Este vomitava o fogo do inferno nas homilias, mas era bom sujeito. Fingia não perceber que lhe roubávamos o vinho santo, leniência que deixava fula a beata velhusca e murcha, D. Lia, zeladora da igreja. Ela sim nos espi-nafrava pra valer. Minha São José da Barra, no Sudoeste mineiro, no ponto em que o rio Sapucaí cai nos braços patriarcais do Grande, tinha também encantos. O mais arreba-



tador eram os cheiros. E destes, o mais penetrante vinha das quitandas. Eram os pães de queijo, as roscas de trança feito cabeleiras de moçoilas em flor, as brevidades, os pães de ló, a carne cozida e guardada na banha de porco, o peixe salgado com abóbora moganga, bem parecida na textura e na cor com a japonesa cabotiã. Dona Ritinha era quitandeira de mão santa. Seus pães de queijo eram diferentes desse que rompeu fronteiras e hoje está aí por esse mundão de Deus, sobran-

ceiro. Não eram ocos e muxibentos, tão amados por Otto Lara Resende e, certo, muito bons. Os dela eram sólidos, oblongos e não esféricos, a massa amarela com casquilhas crocantes e amarronzadas. As filhas e os filhos, quase todos pilotos de forno e fogão, nenhum de nós conhece a receita. Primeiro, porque D. Ritinha era avara desses segredos. Segundo, porque, quando se dispunha a desvelá-los, falava grego antigo. Era um muca-dim disso, um cheirinho daquilo outro, punhadim de farinha de munho, pitada

de sal, coité de manteiga. Ora, pois, D. Ritinha, com todo respeito, isso não era coisa que se fizesse. Dona Augusta, vizinha, mulher miúda e lidadeira, era outra fada. Brevidades e biscoitões de polvilho, estes sim muxibentos, ela os levava em grandes tabuleiros para vender na venda do Zeca, seu genro. A peça de resistência, contudo, era a broa de amendoim. Divina. Custava 400 réis na venda do Zeca, moedão de aço que tinha na cara uma lira, na coroa as barbas de D. Pedro II. Ou a calva de Vargas, não sei. Dia desses, mano João me convocou à Olímpia. Tinha uma surpresa. Fez-me sentar, pegou o bule de café e uma travessona coberta por um pano caprichado. Puxou-o e surgiu uma ruma de broas cor de ouro velho, salpicadas de calda de açúcar. Comi em transe essas *madeleines*, de cambulhada com cheiros da meninice. Contou-me que encontrara a fórmula de D. Augusta depois de muitas tentativas e de botar a perder quilos de ingredientes. Acho que não foi nada disso. Tenho por certo que D. Augusta condeou-se de seu esforço, encarnou-se nele e produziu aquelas maravilhas.

\*  
**HÉRCULES DOMINGUES DE FARIA,** BANCÁRIO APOSENTADO E FORMADO EM LETRAS, FOI COLUNISTA DOS JORNAIS ‘CORREIO DE MIRASSOL’ E ‘DIÁRIO DA REGIÃO’

## Suplemento

LITERATURA  
Crítica ao Nobel

“O Nobel deve ser para uma obra literária de qualidade e reconhecida ou para uma que tenha qualidade e que não seja tão reconhecida para que o prêmio a ajude a ter reconhecimento. Deve ser um prêmio para escritores”, disse Mario Vargas Llosa, mês passado, em Berlim, durante o lançamento da edição alemã de seu livro *Cinco*



*Esquinas*. Llosa, ganhador do mesmo prêmio em 2010, afirmou conhecer as canções de Dylan e que gosta de suas composições, mas não achou possível que elas seja consideradas poesias cantadas.

SASTIFA  
O que abunda

Já é sabido que o *Cultura!* apresenta, alternadamente em suas edições, uma en-

trevista. Pois bem. Ante inúmeros protestos registrados, esclarecemos que a aparente quebra de tradição ocorrida na edição nº 10, de outubro (08/10/2016), com o texto *Nietzsche visita*, pág. C4, aos cuidados do confrade Zé Renato, deveu-se a duas razões. A primeira, que, senhores da vontade, fazemos o que queremos — especialmente acrescentar entrevistas. A segunda, que só Nietzsche é Nietzsche. E o que abunda não atrapalha. Capisci?



# Palavra



“Aquilo que está escrito no coração não necessita de agendas, porque a gente não esquece. O que a memória ama fica eterno.”

RUBEM ALVES

NASCIDO EM BOA ESPERANÇA (MG), EM 1933, O AUTOR DE “A LIBÉLULA E A TARTARUGA”, “COMO NASCEU A ALEGRIA” E “O AMOR QUE ACENDE A LUA”, DENTRE OUTROS, MORREU EM CAMPINAS (SP), EM 2014.

Rubem Alves



**Cultura!** é uma publicação do jornal *O Extra.net*, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE  
EDITOR: **O. A. SECATTO**  
COLABORADORES: **GIL PIVA, JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E JACQUELINE PAGGIORO**  
DIAGRAMAÇÃO: **ALISSON CARVALHO**



Música

Por meio de amplificadores, alguns instrumentos têm a quase infinita possibilidade de amplificação. O silêncio é o limite para o volume mínimo, mas qual o limite para o volume máximo?

# O TOTALITARISMO DOS ALTOS DECIBÉIS



SANDRO MUNIZ

estudante de música sempre esbarrou no problema chamado *volume*. Difícil estudar sem que algum vizinho ou familiar perca a paciência com as notas erradas, ruídos ou se irrite após nos ouvir repetir incontáveis vezes o mesmo trecho musical. Todo músico passa por esse problema. Os menos prejudicados são os músicos que tocam instrumentos elétricos, pois nesses é possível tocar com fones ou deixar bem baixinho o volume. Porém, por meio de amplificadores, esses instrumentos têm a quase infinita possibilidade de amplificação. O silêncio é o limite para o volume mínimo, mas qual o limite para o volume máximo?

Existe uma teoria que afirma que quanto mais alto o volume, mais interessante a experiência musical. Faz sentido. Ainda no século XIX começou-se a observar o significativo aumento no tamanho dos conjuntos musicais, como grandes orquestras, coros enormes (quando não eram colocados dois ou mais coros no palco), o reforço no naipe de metais (composto pelos instrumentos de maior poder sonoro), além da marcação nas partituras de intensidades inéditas como *fortississimo*, *fortissississimo* e *sforzato*. Tudo pela grandiosidade musical.

Evidente que intensidade e volume não são a mesma coisa e é fácil confundir os dois. A intensidade é a “força” do som, ou seja, a pressão que se aplica ao instrumento para se obter sons fortes ou a pressão que se retira para obter sons suaves ou delicados. A intensidade interfere diretamente no timbre do

instrumento. Os instrumentos tendem a tornar-se mais ruidosos quanto maior a intensidade a eles aplicada. Pensando num piano, o pressionar das teclas coloca as cordas do instrumento em vibração, mas as altas intensidades, resultantes da maior pressão exercida pelos dedos sobre as teclas, fazem com que a vibração vá além das cordas, passando para o corpo todo do instrumento. Quanto maior a intensidade, mais elementos vibram além daqueles que caracterizam a afinação (no caso do piano, as cordas), consequentemente, quanto mais forte se toca, mais ruidoso se torna o som. O músico conhece bem isso e transita conscientemente entre a agressividade e aspereza dos sons fortes e a leveza e delicadeza das baixas intensidades utilizando-se desse contraste como elemento retórico e meio de expressão musical, guiando o ouvinte através dessa narração subjetiva, chamada música.

O volume, por sua vez, é um recurso moderno que permite a redução ou amplificação do som reproduzido por meio de alto-falantes, som esse advindo de instrumentos elétricos, microfonados ou gravações. O volume não interfere na intensidade. Um som forte continuará forte, mesmo que reproduzido por aparelhos de som em baixo volume, sons suaves ou “pianinhos” manterão sua “leveza” mesmo que reproduzidos em volume alto. Isso porque, como já dito anteriormente, a intensidade interfere no timbre, fazendo parte da natureza do som enquanto o volume apenas o amplifica ou o reduz.

O volume é um recurso excepcional, a solução para apresentações musicais em am-

bientes grandes ou abertos. Mas tem faltado bom senso em seu tratamento na grande maioria das apresentações musicais amplificadas. Os volumes ensurdecedores dessas apresentações têm sido o maior deles.

É evidente que a amplificação é um recurso válido. O compositor italiano Luciano Bério, após experimentar a amplificação em suas obras, nunca mais deixou de amplificar. Bério microfonava os instrumentos e os amplificava de maneira quase imperceptível, apenas o suficiente para que fossem ouvidos com limpidez e clareza de qualquer ponto do auditório. Algo bem diferente dos nossos shows musicais! Os grandes volumes comprometem o resultado musical porque alteram a escuta de acordo com a posição do ouvinte no espaço: quanto mais próximo da caixa de som, maior a deformação do som ouvido. Sons

graves percorrem distâncias maiores que sons agudos antes de se dissipar. Logo, ficar muito distante das caixas de som pode resultar também numa deformação do som, graças à recepção incompleta do áudio. Nem sempre os equipamentos de som possuem capacidade para os altos volumes a que são submetidos, nesses casos, somam-se ruídos e chiados à deformação acústica da música tocada, tornando ainda pior a experiência musical. Além dos prejuízos à música, há o alto risco de perda gradativa de audição. Ainda não nos atentamos às questões de saúde porque essa possível geração de surdos ainda não chegou à velhice.

Os altos volumes tornaram-se um hábi-

to crescente cultivado nas casas de show, eventos públicos, restaurantes e igrejas, inclusive nos ambientes particulares como em nossos carros, no aparelho de som de casa ou nos fones com o *mp3 player*, onde regulamos o volume ao nosso gosto. As implicações desse hábito vão além da mera opção de volume: é o resultado de uma sociedade cada vez mais barulhenta. Os volumes altos foram se fazendo necessários para cobrir o ruído do trânsito, o barulho no trabalho, o barulho do vizinho, o barulho dos demais moradores do lar, os barulhos da nossa mente atribulada. Na impossibilidade de silenciar nossos ruídos internos, fizemos da música alta a válvula de escape para cobrir os gritos das nossas incertezas, dúvidas, inseguranças e aflições. É bem verdade que a música deixou de ser um prazer sensorial para alguns ou intelectual para outros para tornar-se um analgésico de consumo descontrolado tomado sem prescrição médica por quase todos.

Não obstante, não nos enganemos: a música sempre pede silêncio.

Faça silêncio.

Procure ouvir um coro cantando *a cappella*. Vá ver um grupo instrumental tocando na pequenez dos sons acústicos. Não estranhe. Acredite, os volumes naturais bastam.

Acostumamo-nos aos altos volumes. Isso não é ruim, desde que não percamos a sensibilidade para com os pequenos sons. Às vezes é bom parar tudo o que fazemos, silenciarmos as nossas almas e ouvirmos a música na pequenez de seu volume natural.

\*

**SANDRO MUNIZ** É MAESTRO DO MUNICÍPIO DE FERNANDÓPOLIS

## Referência mundial.

A Orquestra Filarmônica de Berlim

Poesia

# SIMPLES ASSIM

ALÉSSIO FUZARI

A madrugada  
com sua boca fria  
assopra na face da noite  
deitada  
acordando as pálpebras  
do dia.

\*\*\*

Chuva pequena,  
traz de volta  
pra meu sono  
o tac!-tac!  
da goteira do telhado...  
Sua queda cadenciada  
ensopa de sono

os meus olhos  
e deixa  
a secura de meus sonhos  
de saudades  
molhada.

\*

**ALÉSSIO FUZARI**  
É POETA





Capa

Em entrevista exclusiva ao *Cultura!*, o compositor Tim Rescala, sempre em destaque no cenário musical brasileiro, fala de sua carreira e da aclamada trilha sonora que compôs para a novela *Velho Chico*

Foto: Divulgação/Site do Autor



# Tim Rescala

## A MÚSICA COMO MISSÃO

O.A.SECATTO

Tudo bem que muita gente se lembre dele mais pelo personagem Capilé Sorriso, da *Escolinha do Professor Raimundo*, mas Tim Rescala está muito além disso. Nascido no Rio de Janeiro, em 21 de novembro de 1961, numa família de músicos — seu pai era barítono do coro do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e sua mãe, cantora e organista de igreja —, o destino do premiado compositor Tim Rescala estava traçado. É ele o responsável por muitas músicas que embalsamaram novelas e minisséries de sucesso, como *Hoje é Dia de Maria*, *Capitu*, *Afinal*, *O Que Querem as Mulheres?*, *Alexandre e Outros Heróis*, *Meu Pedacinho de Chão* e *Velho Chico*, dentre tantos outros. Militante do Movimento “Quer-ro Educação Musical na Escola”, Tim dedicou grande parte de sua carreira ao público infantil. Compôs inúmeras peças, obras e musicais infantis, como *Pianíssimo*, *A Orquestra dos Sonhos*, *Papagueno*, *A Turma do Pererê* e até mesmo a música para o *Sítio do Picapau Amarelo*, sempre destacando a importância de se criar para as crianças. “Considero que a criança é um melhor ouvinte que o adulto. Na verdade, com o tempo, no lugar de melhorar nossa escuta, ela vai piorando. Vamos criando seletividade, preconceitos, fazendo opções que excluem no lugar de somar. Uma criança é um livro aberto, uma página em branco. Devemos preencher essa página com estímulos complexos e não elementares. Tem que ser o contrário do que normalmente se pensa. Por isso é tão importante criar para elas. Considero um dever. (...) a música para crianças pode e deve ser complexa, mas sempre lúdica. Essa é a única diferença”, comenta. Para privilégio desta edição do *Cultura!*, Tim concedeu uma divertida entrevista por escrito, em que falou um pouco de sua vida e obra. Confira os principais trechos da conversa.

• **Tim, já são quase 55 anos de idade. Desses 55, quantos de música?**

Bem, eu considero que aos 15 anos, quando fiz prova para a OMB (*Ordem dos Músicos do Brasil*) e decidi que seria músico, o início de minha carreira profissional, mesmo porque eu já trabalhava com música e já ganhava meu dinheiro tocando órgão em igrejas e dando aulas de piano e violão.

• **A música foi algo sempre presente na sua vida? Houve exemplos ou influências na família? O que o levou a escolher a formação musical?**

Sim, meus pais eram músicos. Meu pai era barítono do coro do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e minha mãe, cantora e organista de igreja. Eu e meu irmão, que também é tenor do coro do Municipal, frequentávamos o Theatro e outras salas de concerto. Escolher a música como profissão foi algo natural, embora um episódio tenha sido decisivo. Sempre depois das óperas meu pai me levava para apertar a mão do maestro. Depois de um concerto eu perguntei a ele: o que dá mais dinheiro, ser jogador de futebol ou maestro? Ele me enganou e disse que era maestro!

• **O que o fez mudar do caminho da composição clássica para a contemporânea?** Meu interesse pela música sempre foi amplo, tanto pela clássica, quanto pela popular. Aos 13 anos eu me cansei um pouco do aprendizado acadêmico, pois tocava rock numa banda. Mas como gostava muito de rock progressivo acabei retomando o aprendizado acadêmico, pois nessa época já ficou claro para mim que minha atuação seria em mais de um campo da música. A partir de então sempre pratiquei os dois tipos de música e outros que estivessem na fronteira entre os dois.

• **O que você ouve em casa?** Música clássica, jazz, choro, MPB e algum

rock, fora música infantil, pois tenho uma filha de 8 anos. Felizmente, os CDs que serviram a minha outra filha, agora com 21, ficaram para ela.

• **A criação artística é algo sempre muito pessoal e particular. Você tem alguma rotina, ritual ou mania para compor? Como é o seu processo criativo?**

Sim. Já faz muito que tenho a mesma rotina: vou para meu estúdio por volta das 13h30 e fico lá até umas 20h ou mais, dependendo do que estiver fazendo na época. Componho diariamente, atendendo a encomendas, sejam no campo da música de concerto, da TV, cinema, teatro, etc. Enfim, sou um compositor profissional.

• **Com o tempo e a experiência, compor vai ficando mais fácil, natural?**

Com certeza. É um ofício como qualquer outro, embora, por implicar sempre um ato criativo, seja bem diferente do que trabalhar numa fábrica ou numa loja. Há conflitos, idas e vindas, enfrentamento de questões estéticas, dúvidas, recuos, etc. Mas não deixa de ser um ofício.

• **Diz-se que Verdi andava com um caderninho para anotar melodias em suas viagens ou mesmo ao andar pela cidade e pelo campo. Você anota ideias assim? Tem alguma outra técnica?**

Sim, pois a gente compõe o tempo todo, mesmo dormindo! kkkk. Na verdade a problemática da composição fica em nossa mente, mesmo quando não estamos diante de uma mesa de trabalho. Costumo compor (mentalmente, é claro) dirigindo, caminhando, viajando de avião e até cozinhando. Depois é o caso de anotar, seja da forma mais tradicional, num caderninho, como o de Verdi, ou com a ajuda das ferramentas tecnológicas de hoje, como num telefone.

• **“Cliché Music” (obra de 1985) e o compositor de vanguarda: a sátira continua atual?**

Infelizmente sim! kkkk. Continua causando muitos risos e constrangimentos. Costumo dizer que quando a peça estreou, numa Bienal de Música Contemporânea no RJ, conquistei muitos fãs e inimigos!

• **De que maneira surgiu o personagem Capilé Sorriso na “Escolinha do Professor Raimundo”? E como foi trabalhar com Chico Anysio?**

O Chico me ligou um dia e me convidou para trabalhar em seu programa, tanto como músico, quanto como ator. Isso foi muito importante para mim, pois o admirava muito, desse pequeno. Mal sabia falar direito e já perguntava para o meu pai: “Hoje vai ter Chico Anismo?” O personagem foi criado por ele. Certa vez, gravando um quadro, improvisei aquela gargalhada. Ele mandou voltar e disse: “Guarda isso.” Mandou regravar o quadro anterior, incluindo a gargalhada, que passou a ser o bordão do personagem. Tinha uma inteligência, talento e generosidade descomuns. Um gênio mesmo.

• **Há no cinema colaborações sempre lembradas entre diretores e compositores, como de Steven Spielberg e John Williams, Peter Jackson e Howard Shore, Christopher Nolan e Hans Zimmer, Tim Burton e Danny Elfman. Já são vários trabalhos que você realizou com o diretor Luiz Fernando Carvalho: “Hoje é Dia de Maria”, “Capitu”, “Afinal, O Que Querem as Mulheres?”, “Alexandre e Outros Heróis”, “Meu Pedacinho de Chão” e “Velho Chico”. Tornou-se uma parceria de sucesso?**

Com certeza. O Luiz sempre marcou seu trabalho por uma forma artesanal de lidar com todos os aspectos que envolvem a obra audiovisual. Gosta e valoriza muito o papel da música, como poucos. Tem bom gosto e cultura musical. Considero que o compositor de audiovisual empresta seus ouvidos para o diretor, que é o principal autor da obra audiovisual, essencialmente uma obra e coautoria.





‘VELHO CHICO’  
MÚSICA ORIGINAL  
DE TIM RESCALA  
**Compositor:**  
Tim Rescala  
**Selo:**  
Som Livre  
(R\$ 24,90)

Foto: Divulgação/Site do Autor



Foto: Divulgação/Site do Autor

• **Poucas vezes uma trilha sonora casou tão perfeitamente com uma novela, seu tom, seus personagens, a ponto de ser unanimemente elogiada, por público e crítica. Como você recebeu essa repercussão e quais foram suas fontes de inspiração para a trilha sonora de “Velho Chico”?**

Fiquei e ainda fico muito feliz com a resposta. A todo momento alguém fala comigo na rua ou manda mensagens, elogiando o trabalho. Fico particularmente feliz com o fato de ser essencialmente música sinfônica, provando que o público não tem rejeição a este tipo de música, só não tem oportunidade de ouvi-lo regularmente, sobretudo num veículo como a televisão. Parti, como sempre, de conversas com o Luiz Fernando. Sempre há referências a seguir, no caso foi mais da música clássica brasileira nacionalista, como Villa-Lobos, Guerra-Peixe ou Radamés Gnattali.

• **Para toda a nordestinidade, presente, por exemplo, em “Alegria no Vilarejo”, “Desafio Agalopado” e “No Bar do Chico Criatura”, quais as suas influências? O Quinteto Armorial foi uma referência?**  
Com certeza, mas fundamentalmente a referência principal foi o Guerra-Peixe e o movimento armorial como um todo, incluindo o trabalho de Cussy de Almeida.

• **Depois de tantas obras e musicais infantis como “Pianíssimo”, “A Orquestra dos Sonhos”, “Papagueno”, “A Turma do Pererê” e até mesmo a música para o “Sítio do Picapau Amarelo”, como é a sua relação com o mundo infantil?**  
Considero que a criança é um melhor ouvinte que o adulto. Na verdade, com o tempo, no lugar de melhorar nossa escuta, ela vai piorando. Vamos criando seletividade, preconceitos, fazendo opções que excluem no lugar de somar. Uma criança é um livro aberto, uma página em branco. Devemos preencher essa página com estímulos complexos e não elementares. Tem que ser o contrário do que normalmente se pensa. Por isso é tão importante criar para elas. Considero um dever.

• **Como surgiu o programa “Blim-Blem-Blom” da Rádio MEC FM, do Rio de Janeiro? A música para as crianças deve ter alguma peculiaridade, é um público para o qual deve haver um tratamento musical diferente?**

Um convite da rádio MEC que veio de encontro a um desejo antigo meu. Como disse na resposta anterior, a música para crianças pode e deve ser complexa, mas sempre lúdica. Essa é a única diferença.

• **Você já participou de eventos e campanhas do Movimento “Quero Educação Musical na Escola”: a Lei nº 9.394/96 (art. 26, § § 2º e 6º) está sendo cumprida?**  
Não, pois não foi regulamentada como deveria. Está muito solta, dando abertura demais em sua aplicabilidade. Mas continua sendo algo muito positivo. Acho se há alguém que devemos agradecer é ao compositor Felipe Radicetti, principal mentor e defensor da lei. É meu colega na Musimagem Brasil ([www.musimagembrasil.com](http://www.musimagembrasil.com)).

• **Na música clássica, existe atualmente uma produção constante? Há, ainda hoje, grandes compositores sinfônicos e de ópera, por exemplo?**  
Sim, sempre haverá. Lamentavelmente, ela tem tido cada vez menos espaço, sobretudo em salas de concerto. Isso se deve à falta de sensibilidade e de cultura dos nossos dirigentes. Se há uma coisa que precisa melhorar no Brasil é a sua classe política, como temos visto.

• **Pode-se dizer que, historicamente, a composição migrou dos teatros para os filmes e novelas? Se nascessem hoje, Mozart, Beethoven, Wagner e Verdi estariam trabalhando na TV e no cinema?**  
Costumo dizer isso. Se antes as encomendas eram feitas pela igreja ou pela

nobreza, hoje feitas são pelas empresas que trabalham com audiovisual, grandes eventos, etc. Mudou a forma de fazer, mas o ofício continua existindo, felizmente!

• **E no Brasil, como está atualmente a composição de um modo geral?**  
Há e sempre haverá bons compositores e boa música no Brasil. O problema é que a massificação e a comercialização estão cada vez maiores, tirando os espaços onde a música mais elaborada era mostrada. Cabe ao Estado zelar para que isso mude.

• **Quais os projetos para 2017?**  
Em curso está a música para o filme *Pluft*, baseado na peça de Maria Clara Machado, com direção de Rosane Svartman. Já fiz as canções e aguardo as filmagens para fazer a parte sinfônica, que será também gravada com a Orquestra Heliópolis, parecida em *Meu pedacinho de chão*, *Velho Chico* e *Dois Irmãos*. Esta será mais uma minissérie do Luiz Fernando, com estreia marcada para 9 de janeiro. Este ano ainda estreia uma nova ópera infantil, outra obra baseada um trabalho de Maria Clara Machado, *O Boi e o Burro no Caminho de Belém*. Estreia no Municipal do Rio no dia 2 de dezembro, com direção de Cacá Mourthé. Para mim é muito importante estreiar uma ópera infantil naquela que foi a casa onde eu e meu irmão íamos assistir meu pai cantar.

Foto: Reprodução/Internet



**Contrastes.**  
Regendo (acima)  
e como o personagem  
Capilé Sorriso (ao lado)



## Cinema

Como lidar com adaptações que fogem à história original: o livro deve ter primazia ou os roteiristas e diretores devem ser livres para criar? Eis a questão



# DEBATENDO ‘O LAR DAS CRIANÇAS PECULIARES’ DE TIM BURTON

BRUNO ANSELM MATANGRANO

Quando você gosta muito de um livro, é com expectativa e ansiedade que espera por sua adaptação cinematográfica ou televisiva. Torna-se sempre um momento tenso, pois, se por um lado, ver seu personagem favorito ganhar um rosto é uma sensação incrível, por outro, a possibilidade de ver a adaptação totalmente diferente do que você esperava (ou de como o livro se desenrolava) pode ser bastante frustrante. No entanto, o fato de a adaptação divergir da história original nem sempre é um problema, embora os fãs tenham dificuldade em lidar com isso... E falo por experiência própria.

No fim de setembro, estreou em todo o mundo o mais novo filme de Tim Burton, o aguardado *O Lar das Crianças Peculiares*, adaptação de *O Orfanato da Srta. Peregrine para crianças peculiares*, de Ransom Riggs. O livro conta as (des)venturas de Jacob Portman, um adolescente da Florida meio desajustado, após descobrir pertencer a um mundo povoado por crianças de poderes sobrenaturais e mulheres capazes de controlar o tempo. Como não poderia deixar de ser, o filme ficou visualmente muito bonito, com jogos de cores e luzes, entre o pastel e o saturado, tão caros a Burton e tão queridos pelos fãs do diretor.

A crítica recebeu o filme muito bem, de modo geral; o público, porém, se dividiu. Isso porque, se por um lado, o amante de filmes do gênero se depara com uma ótima história de fantasia urbana, cheia de referências, partindo de estereótipos e clichês para conseguir um ótimo e novo resultado; por outro, o leitor de Riggs que tanto esperou esta adaptação (sobretudo por ser encabeçada por um dos diretores mais icônicos da atualidade) se sentiu tremendamente frustrado (para não dizer traído), uma vez que, da metade em diante, o filme se distancia completamente dos livros de Riggs, encerrando-se com um final que nada lembra o do livro e que não dá margem para possíveis sequências, apesar de a história original ser uma trilogia.

Como leitor voraz dos livros de Riggs e burtoniano de carteirinha, fiquei extremamente dividido enquanto via o filme, maravilhado e revoltado ao mesmo tempo. Confesso que em um primeiro momento

não soube lidar bem com as mudanças. Mas depois fiz o exercício de tentar me desligar do livro e encarar o filme como algo isolado e concluí que o resultado ficou ótimo em si mesmo.

Todavia, nem todo mundo foi tão compreensivo (ou misericordioso) com Burton, e críticas pulularam nas redes sociais e sites especializados, culpando seu suposto ego inflado pelas mudanças radicais na história (sobre as quais não falarei pontualmente para não dar *spoilers*. De nada!). O que essas críticas deixam de lado, porém, são os fatos de o roteiro não ser do Tim e de Jane Goldman, a roteirista, possuir um longo histórico de adaptações bem-sucedidas que se distanciam muito das obras originais. Para citar algumas, penso, sobretudo, nos três filmes dirigidos por Matthew Vaughn: *Stardust* – *O Mistério da Estrela*, baseado no livro homônimo de Neil Gaiman, *Kingsman* – *Serviço Secreto e Kick Ass* – *Quebrando Tudo*, adaptações de quadrinhos roteirizados por Mark Millar. Três filmes de que gosto muito, que fizeram bastante sucesso (sobretudo as adaptações dos quadrinhos de Millar) e que se distanciam bastante das histórias originais, mostrando que um bom filme não nasce necessariamente de uma adaptação fiel. É aí que gostaria de chegar.

O fato é que existem essencialmente quatro tipos básicos e óbvios de adaptações: 1) as que são bastante fiéis e que ficam ótimas; 2) as que são fiéis ao original, mas não funcionam na nova mídia; 3) as que se distanciam do livro, gerando ótimos filmes; e 4) as que justamente por divergirem da obra adaptada tornam-se péssimos filmes. Pensemos em alguns exemplos para cada um desses casos.

Creio ser unânime dizer que as adaptações de *O Senhor dos Anéis* resultaram em filmes bastante fiéis aos livros de J. R. R. Tolkien e, ao mesmo tempo, ótimas obras cinematográficas, agradando gregos e troianos (no caso, crítica especializada e fãs ferrenhos). Peter Jackson soube transpor com maestria a história de uma mídia para outra sem grandes perdas; feito que não conseguiu reproduzir na trilogia *O Hobbit*. Esta, a cada filme, distanciou-se mais da obra original até culminar em uma maçaroca decepcionante de péssima qualidade, que o próprio Jackson admitiu ter

saído errado. Já os filmes da franquia *Como Treinar Seu Dragão*, vagamente inspirados pela série homônima de Cressida Cowell, mostram como é possível criar coisas novas a partir de algo existente (com um resultado que, aliás, em minha modesta opinião, supera em muito os livros). Isso porque houve uma mudança de público ao qual a obra se dirige: os livros de Cressida são extremamente infantis e engraçados, enquanto os filmes trazem uma profundidade maior, com questões delicadas, momentos tristes e emocionantes, no intuito de agradar não apenas crianças, mas igualmente adultos, dando margem para produtos derivados, como as sequências cinematográficas e a série televisiva. As adaptações da série *As Crônicas de Nárnia* seguem exatamente o mesmo caminho, tornando um pouco mais adultas as lindas fábulas de C. S. Lewis para ampliar o alcance dos filmes, o que também deu bastante certo, apesar das diferenças abissais entre filmes e livros.

Por outro lado, no filme *O Código da Vinci*, bastante fiel ao livro de Dan Brown, Ron

Howard não consegue imprimir a mesma dinâmica da obra original. Enquanto o livro é ágil, o filme se estende arrastado, apesar de reproduzir tão fielmente o enredo.

Para essa lista por aqui, pois exemplos não faltam. A verdade é que não há regras quanto ao que faz uma boa adaptação (e de certa forma é também questão de gosto). A fidelidade ou não à obra original não garante a qualidade da obra derivada e por isso cada caso merece uma atenção em particular. De toda forma, é interessante julgar a obra derivada sem preconceitos, para podermos julgá-la pelo que ela é, e não pelo que queríamos, enquanto fãs, que ela fosse. Mas, para concluir, voltemos ao filme de Tim Burton.

Analisando *O Lar das Crianças Peculiares* simplesmente como filme e não como adaptação, o espectador se depara com uma excelente história de fantasia, que parece misturar, como eu disse em meu artigo anterior, os mutantes de *X-Men* com o mundo mágico de *Harry Potter*. A história está coerente em si mesma e o vilão (praticamente criado para o filme) é um grande acréscimo, possibilitando uma nova trama com começo, meio e fim, e desobrigando o cineasta de fazer sequências que certamente dependeriam do desempenho das bilhe-

terias (além disso, é sabido, Burton detesta sequências).

O visual traz tudo o que seus fãs podem esperar: é um filme bonito, com cenário, figurino e efeitos belos e cuidadosos. A trilha sonora, que estranhamente não esteve a cargo de Danny Elfman como de praxe, completa com maestria a ambientação. Os atores fazem bonito, como também é de se esperar de estrelas gabaritadas como Eva Green, Jude Dench e Samuel L. Jackson, ou mesmo do protagonista Asa Butterfield, que apesar de bastante jovem já possui grande experiência. As crianças dão um show à parte, parecendo terem sido escolhidas não apenas pelo talento, mas também pelos grandes e belos olhos, quase como uma autorreferência de Burton a seu filme anterior. Aliás, autorreferências não faltam: para seus fãs mais atentos é possível encontrar ecos de quase toda sua filmografia, de *Edward Mãos de Tesoura* aos cliques da banda *The Killers* passando por *Planeta dos Macacos* e uma possível menção a *Dumbo*, previsto como próximo filme do diretor.

Para quem não viu, portanto, recomendo fortemente. Mas vá de mente aberta. É uma nova história, não a trama criada por Ransom Riggs (que por sinal é excelente também e vale a pena ser lida). Apesar de ser uma adaptação, *O Lar das Crianças Peculiares* é uma obra autoral, com cara e assinatura de Tim Burton. Mas não apenas dele. Afinal, é sempre bom lembrar, o roteiro é da incrível Jane Goldman, cujos filmes também têm identidade e estilo próprios e cuja assinatura é justamente criar roteiros novos a partir de histórias já aclamadas.

\*

**BRUNO ANSELM MATANGRANO**, AUTOR DE ‘CONTOS PARA UMA NOITE FRIA’ (LLYR), É PESQUISADOR, EDITOR, TRADUTOR, ESCRITOR E DOUTORANDO PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

**Inconfundível.**  
O cineasta  
Tim Burton

